

OS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO: ESTUDO DE CASO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO NOVO ENEM NUMA ESCOLA PRIVADA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE FORTALEZA

*Casemiro de Medeiros Campos
Meirecele Caliope Leitinho*

Introdução

Considerando a importância da investigação na área da avaliação curricular a proposta desta pesquisa buscou analisar as repercussões do Novo ENEM diante do trabalho pedagógico no ensino médio numa escola privada de Fortaleza – Ceará. Assim, esta investigação se pautou por compreender os desafios da organização pedagógica com a implantação do novo ENEM.

Iniciado o ano letivo de 2010 nas escolas de educação básica do estado do Ceará, a Universidade Federal do Ceará – UFC, vem a público informar a decisão de implantar o modelo do Novo ENEM como fase única para o processo seletivo em substituição do vestibular tradicional. Lembro que no ano de 2002 a UFC anunciou a utilização da nota do ENEM no processo seletivo para ingresso compondo parte da pontuação com o vestibular tradicional. O Ministério Público foi acionado e o Procurador Alessandro Sales deu entrada na justiça e conseguiu barrar por meio de uma liminar a decisão da UFC. A Universidade recorreu e com outra liminar conseguiu manter a sua decisão. Naquele ano houve uma situação de desgaste para a implantação do ENEM no processo seletivo da UFC com a indecisão por conta das liminares entre universidade e Ministério Público. Havia também uma pressão de segmentos das escolas de ensino médio em Fortaleza para adiar a referida implantação do Exame Nacional do Ensino Médio.

Mas a decisão de usar o ENEM no processo seletivo foi amadurecida ao longo dos últimos anos. A decisão fi-

nal veio com o compromisso da UFC em seguir a agenda exigida pelo MEC a partir da sua vinculação ao REUNI. O REUNI é um programa implementado pelo Governo Federal que visa reestruturar as Instituições Públicas Federais. Essa reestruturação tem por objetivo qualificar o sistema de educação superior federal apoiando a melhoria da infraestrutura física, acadêmica e modernização da gestão diante da função social da universidade para o desenvolvimento do país. Com os recursos do REUNI as IES públicas federais tornam-se mais competitivas no cumprimento da sua missão, agora renovada com a questão da inclusão. A ideia central do REUNI é promover a qualidade na educação superior tendo a experiência das IES públicas federais como modelo do sistema de formação de recursos humanos no ensino, na pesquisa e na extensão universitária. Porém, as universidades que aderiram a este programa têm que cumprir metas e prazos para receberem os recursos previstos no programa que envolve as universidades parceiras. Em troca, estas instituições devem cumprir requisitos mínimos, dentre estes, a adoção do ENEM, seja parcialmente, seja de forma integral em substituição ao vestibular tradicional.

Com a implantação do Novo ENEM na avaliação do processo seletivo de ingresso dos concluintes no término da educação básica na UFC, as escolas de ensino médio tiveram que redefinir a sua organização pedagógica. O modelo de avaliação exigido pelo vestibular tradicional foi abolido. Nesta perspectiva, é que reside o interesse deste trabalho investigativo em verificar as mudanças que a escola tem produzido em vista a se adaptar à nova realidade provocada por estas mudanças. Ou seja, que mudanças a escola promoveu para acompanhar as alterações do processo seletivo, preparando os alunos para a entrada na universidade? Como a escola está seguindo diante das novas exigências do processo seletivo com o Novo ENEM? Houve alterações no currículo? Mudou a carga horária? Modificaram as disciplinas? Os conteúdos de estudo são os mesmos? As aulas sofreram mudanças? Enfim,

quais são as mudanças? Diante dessas questões anteriormente levantadas, os objetivos desta pesquisa é identificar elementos que apontem a mudança e ou mesmo que indiquem o que convém fazer pedagogicamente.

Estas questões permitem analisar o ENEM como um sistema de verificação de resultados tendo por finalidade a classificação e a seleção de concluintes do ensino médio para ingresso na educação superior. Isso possibilita avaliar o desempenho da aprendizagem dos alunos. Neste caso o ENEM, como exame, tem por base a definição de matrizes de competência e habilidades que são determinadas à luz dos conteúdos que são constituintes dos programas de estudos na educação básica.

O processo de avaliação e dos seus resultados contribui para expor as fragilidades do sistema educacional. Outrossim, contribui para desvelar as limitações pedagógicas, didáticas e metodológicas relacionadas ao ensino e a aprendizagem marcada pela pedagogia tradicional. Toda a reviravolta que a implantação do Novo ENEM tem provocado como modelo de avaliação colabora para o levantamento de questões sérias como o saber fazer pedagógico, como fazer o pedagógico com êxito e até para o que fazer pedagógico. É preciso estar atento às novas demandas no ensino médio solicitadas pelo ENEM enquanto processo seletivo. Os resultados de uma avaliação podem ajudar a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem dos alunos. A avaliação dos resultados da aprendizagem pode ser de grande utilidade para que se compreendam os caminhos do trabalho que se realiza com os alunos de forma ampla no sistema de ensino ou, especificamente, na escola. Neste sentido, a avaliação deve pressupor uma análise do processo pedagógico no seu todo integrando os seus pressupostos enquanto elementos internos e externos. Mas é interessante destacar que a verificação fica focada apenas numa parte do processo de avaliação, restringindo-se, por vezes, ao desempenho e à aprendizagem dos alunos. Ou seja, os resultados do processo de avaliação devem servir para retroalimentar

o processo didático: ensino e a aprendizagem – considerando os sujeitos aluno e professor.

Breve Referência sobre a Reforma do Ensino Médio no Brasil

A reforma do ensino médio no Brasil tem o seu início em meados dos anos 1990. Mas se efetiva no âmbito da educação brasileira quando da aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei Nº 9394/96. A reforma da educação traz no seu bojo a reforma do ensino médio cabendo à escola executá-la. O Novo Ensino Médio veio pronto com a nova lei. Na política da educação, o ensino médio está determinado que deva servir para a vida. Nesta perspectiva, a proposta do currículo está estruturada por competência e habilidade. A mudança trazida pela globalização à vida social mudou e o mundo do trabalho passou por severas transformações. Isso foi à justificativa alegada pelo governo. Esses elementos justificaram a exigência de mudanças rápidas no ensino médio, pois neste nível de ensino se formaria um novo trabalhador. A necessidade de adaptação é algo ainda hoje requerido para a formação do “novo” trabalhador: flexível, versátil e ágil. São demandas solicitadas pelo padrão das novas tecnologias consequência da vida econômica contemporânea, que são reguladas pelo modelo do estado mínimo, imposto pelo grande capital, exige dos sistemas escolares no final do século XX e início do Século XXI a formação de um trabalhador que tenha no seu desenvolvimento humano a preparação para se adaptar à realidade do mundo da produção. O determinismo do mercado associado às novas tecnologias constituiu os fundamentos da reforma do ensino médio. Os enfrentamentos na aprovação da LDB serviram para revelar o receituário neoliberal e as políticas educacionais no ensino médio, que foram implementadas com o objetivo de adaptar a escola às novas exigências do mundo do trabalho.

O Novo Ensino Médio foi articulado tomando os princípios da interdisciplinaridade, flexibilidade e contextualização. Estas categorias são pressupostos básicos para a construção da efetividade do sistema de educação. A ideia deste arcabouço conceitual é construir a fundamentação da autonomia. Mas é bom destacar que uma coisa é o princípio como exposição conceitual, outra é a realidade da escola.

A Nova LDB determinou os elementos básicos que orientam os conteúdos do Ensino Médio, os quais devem seguir:

- I. Domínio dos princípios científicos e tecnológicos que predizem a produção moderna;
- II. Conhecimento de formas contemporâneas de linguagem;
- III. Domínio dos conhecimentos de filosofia e sociologia necessários ao exercício da cidadania (BRASIL, LDB, 1996).

É interessante destacar que a Nova LDB – Lei Nº 9394/96, no Artigo 26, traz os fundamentos do Novo Ensino Médio destacando a referência sobre o currículo:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base comum nacional, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (BRASIL, LDB, 1996).

Em relação a este artigo 26, citado anteriormente, é importante lembrar que essa recomendação de uma base comum nacional para o ensino médio está prevista no Capítulo da Educação na Constituição Federal de 1988. Mas, estabelecido o marco legal e com a definição das bases normativas para a educação no Brasil, passou-se à regulamentação do financiamento da educação com a edição do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do

Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – FUNDEF. Trata-se de uma lei contábil que instituiu os investimentos do estado priorizando o ensino fundamental e a escola pública. Os recursos públicos passaram a ser alocados somente na escola pública. O FUNDEF vigeu por dez anos. Após esse período, no ano de 2007, foi instituído o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB, que abrangeu toda a escola básica.

Com a configuração do marco legal, passou-se à definição das novas orientações curriculares. Assim, a partir do ano de 1997, foi definida a standardização dos conteúdos para o ensino fundamental por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. A partir do ano seguinte foram estabelecidas as orientações para os conteúdos de ensino médio e as matrizes de referência para o sistema de avaliação que se esboçava. A seguir, uma síntese dos documentos que sistematizaram a organização do currículo na escola básica:

- Diretrizes Nacionais do Ensino Médio – 1998.
- PCN do Ensino Médio – 2000;
- Matriz de referência do SAEB – 2001;
- PCN do Ensino Médio – 2002;
- Orientações Curriculares para o Ensino Médio – 2006;
- Matriz de referência do Novo Ensino Médio – 2009.

Por meio destes documentos se têm as orientações curriculares que permitiram fixar os conteúdos para a avaliação de desempenho no término da escolaridade básica. O Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, é instituído em 1998, como modelo de avaliação final do ensino médio. Tem como objetivos gerais:

- Avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica;

- Aferir o desenvolvimento de competências fundamentais para o exercício da cidadania (Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM: Documento Básico 2000, 1999).

Segundo o Documento Básico 2000, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, tem por referencial servir de guia aos alunos concluintes do ensino médio para o ingresso na vida acadêmica, guiando-os para o mundo do trabalho e possibilitando o exercício da cidadania. A proposta do ENEM busca avaliar o desempenho dos alunos considerando o ensino de competências e habilidades definidas no âmbito da matriz curricular do ensino médio. O ENEM foi concebido alicerçado nas exigências requeridas pela sociedade para a mudança da escola básica e a sua função, considerando a estrutura democrática, as novas tecnologias e as transformações sofridas no mundo produtivo em que o conhecimento se pauta como moeda de troca nas relações entre capital e trabalho. O risco da aplicação da categoria da competência nos sistemas escolares orientando a formação de seres humanos é colocar em destaque um tipo de concepção que privilegia a lógica de um sistema produtivista-consumista, que destaca o mercado em detrimento de outro entendimento da vida em que se busca realizar o humano por meio dos grandes valores como a justiça social, a paz, o respeito ao meio ambiente, a ecologia e a dignidade humana.

Sob esta perspectiva, temos o dilema da reforma do ensino médio: com a transformação do mundo a proposta de mudança no ensino médio no Brasil é tentar acompanhar estas mudanças que ora se realizam na produção do conhecimento e na formação do trabalhador mas também que rompa com o modelo tradicional do processo de organização da escola que se utiliza do modelo do vestibular tradicional para afirmar a escola da fragmentação do conteúdo, da descontextualização do ensino e da compartimentalização do conhecimento.

A sociedade contemporânea assentada na técnica em que um tipo de ciência se hegemonizou sob o signo da racionalidade técnico-instrumental pede outro tipo de escola mais aberta e plural, pois a escola do passado não consegue responder às demandas para a nova organização produtiva. Nas sociedades pós-modernas, assiste-se ao conflito do neoliberalismo: por um lado, como responder a crise do capitalismo atual, apontando saídas para os impasses do modelo de acumulação capitalista fordista, que pôs em xeque as políticas do estado do bem-estar social e as conquistas dos trabalhadores; e por outro lado, a sua incapacidade de construir um novo modelo mais aberto à diversidade, à ética que responda aos graves problemas da humanidade: a produção da pobreza, da miséria, da fome e do analfabetismo. A configuração da vida social na modernidade tem como paradigma a economia que leva mercantilização de tudo que é humano. O cenário em que se encontra a humanidade é dramático: exploração, conflitos e violência de toda sorte e ainda a destruição dos recursos ecológicos do planeta. Esse quadro tem se agravado nos últimos anos entre os países pobres do terceiro mundo.

Este conflito de interpretações que se colocam no momento atual é a expressão da própria realidade. A designação de Jurgen Habermas para a interpretação deste momento é o que difere as sociedades tradicionais das sociedades modernas, ou seja, é pelos mecanismos que definem a hegemonia de uma nova sociabilidade. O pensamento habermasiano entende por sociedades tradicionais aquelas que constituem o seu *ethos* a partir de uma estrutura simbólica, tendo como referência das interações entre os indivíduos as circunstâncias míticas e religiosas. Diferentemente das sociedades tradicionais, as sociedades modernas são caracterizadas por relações sistêmicas, em que imperam a determinação do poder e do dinheiro, ou melhor, a estrutura das sociedades modernas é movida pela dimensão do administrativo e do financeiro. Neste sentido, o poder e o dinheiro superam a dimensão mítico-religiosas. Aqui, sob a lógica do neoliberalismo temos a

autonomia sistêmica como lógica que move as relações e determina a sociabilidade. Sob esta lógica se estabelece a autonomia do indivíduo, na perspectiva de se viver intensamente o presente. A liberdade fica limitada as liberdades individuais, em detrimento ao bem-estar das coletividades humanas. A livre iniciativa é a expressão do valor básico que emerge da fundamentação neoliberal no capitalismo contemporâneo (OLIVEIRA, 2010).

Diante do exposto, uma questão pode ser seriamente levantada: é possível outra sociabilidade que permita estabelecer a afirmação integral do humano. Somente se entende pensar uma nova sociabilidade à medida que se tem como exigência a dignidade e o respeito incondicional pela vida humana. A possibilidade da liberdade humana somente se efetiva pela conquista da emancipação que se realiza pela autonomia como busca radical da humanidade dos seres humanos. A autonomia deve ser o reflexo das relações que levam a conquista do ser humano como dialetização do reconhecimento da identidade do outro. Aqui podemos constatar a existência de uma pedagogia que se gesta no âmbito de fortalecer uma experiência que, para além do individual, é também, coletiva. Outra educação possível se gesta nas estruturas em que se pensa a viabilidade de uma ação coletiva para a construção de um mundo verdadeiramente humano na sua integralidade. Na sua essência esta formulação somente se realiza à medida que se afirma a autenticidade do ser humano. Isso requer repensar seriamente o tipo de sociabilidade que estabelecemos no mundo atual.

A escola também manifesta esta crise no seu interior. Os documentos que orientam o novo ensino médio expressam essas contradições. É necessário o rompimento com a velha escola, a escola do passado, mas a construção deste caminho possui muitas faces. Interessa aqui o estudo do Exame Nacional do Ensino Médio. Mas ao analisar, sob o âmbito do currículo, a essência da reforma do ensino médio está nas orientações curriculares. Os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio – PCNs, do Ensino

Médio, que não são obrigatoriamente adotados, definem os conteúdos da organização pedagógica da escola. Como parâmetros, são linhas pedagógicas genéricas que orientam os fundamentos dos conteúdos do ensino médio. Mas o que se vê na prática é outra coisa: com a definição do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, os conteúdos definidos pelos PCNs são objeto de avaliação. Portanto, o que se tem de forma implícita é a realização da reforma do ensino médio sendo definida pelo currículo. Com a institucionalização do ENEM como processo seletivo para ingresso nas Instituições de Educação Superior, em substituição ao vestibular tradicional, na realidade as escolas estão sendo obrigadas a mudar.

Porém, é interessante ressaltar os pontos nucleares da reforma do ensino médio, definidos no Parecer Nº 15/98 e na Resolução Nº 03/1998 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, as quais, em síntese, são:

- a) A formação básica geral articulada à educação tecnológica e ao mundo do trabalho;
- b) A flexibilidade para o atendimento dos diferentes segmentos que buscam o acesso ao ensino médio;
- c) O Processo pedagógico fundamentado sob a ótica da interdisciplinaridade e contextualização para a construção da autonomia da escola;
- d) As Diretrizes Curriculares definem o ensino médio por competências e habilidades.

Mas, seguindo as determinações presentes tanto no Parecer como na Resolução que amparam o Novo Ensino Médio, referidas acima, as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio (1999) aplicam o princípio da flexibilidade, permitindo aos professores e às escolas fazerem uso da autonomia no currículo, oportunidade em que é colocada a definição dos conteúdos de ensino. A análise do discurso proposto na formalização da legislação e no conteúdo das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio mostra

clara ênfase na escola e no aluno. Nos Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Médio são definidos os princípios pedagógicos pressupostos nas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio. As diretrizes facultam aos professores e à escola a escolha e seleção para o ensino deste ou daquele conteúdo para a formação geral determinando três grandes áreas do conhecimento a ser trabalhado no currículo:

- a) Linguagem, Códigos e suas Tecnologias;
- b) Ciências Humanas e suas Tecnologias;
- c) Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.

Neste sentido, o discurso oficial libera a escola e os professores para a definição dos conteúdos, ficando abertos para implementação por parte da escola, mas ficam definidos os conteúdos por área, que são descritos e listados nas Diretrizes Curriculares, que mesmo sendo apenas diretrizes, acabam sendo formalizadas oficialmente pela escola tendo em vista o processo de avaliação, definido pelo Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Mas sabemos que não é a escola que decide o currículo. O currículo é decidido nas instâncias superiores do planejamento da educação. Logo, percebe-se, na prática, caso a escola não adote os conteúdos definidos nos documentos oficiais, ficam comprometidos os resultados dos seus alunos nas avaliações nacionais. Portanto, esta análise revela que o processo da reforma do ensino médio é articulado com base no currículo. Assim, pelo que parece, surge um imbróglio para a reforma que se realiza no interior da escola no chão da sala de aula. A mudança que a escola, tem de construir é marcada por sérias contradições que aparecem no interior da estrutura do sistema e dos modelos de gestão das escolas, considerando a realidade em que estão inseridas.

A reforma da educação no Brasil é marcada por estabelecer uma nova cultura política, que tem por base

a estrutura do capitalismo atual, determinada pela hegemonia do neoliberalismo, e no modelo da razão em que se fundamenta a ciência instrumentalizada, no qual os princípios pedagógicos estão fortemente enraizados.

Os riscos para o sistema de educação brasileiro é, no futuro, nos darmos conta que o modelo da avaliação serviu para fazer as escolas competirem umas com as outras ou mesmo se limitando a medição e distinguindo o mérito por conceito maior ou menos em cada período de avaliação ao invés de dedicar a melhorar as escolas, sobretudo, na educação e na aprendizagem das crianças e jovens. O sistema de avaliação deve ter como função e prioridade a possibilidade de, por meio dos resultados promover a qualidade da escola e do ensino. Caso isso não aconteça, à educação será uma fraude. Lições de outros países nos ensinam que não podemos nivelar por baixo o ensino, nem diminuir as nossas exigências diante das metas estabelecidas para a qualidade da educação, mas temos que estabelecer objetivos reais e não utópicos que permitam a melhoria contínua da educação no país. A avaliação não deve ter como fim com os resultados punir os professores e gestores. Mas deve ser útil para que se faça uma escola responsável levando os alunos a aprenderem, fazendo com que esta seja fundamental em suas vidas e tenha um significativo valor para o desenvolvimento do país reconhecido pela sociedade.

Os resultados de um processo avaliativo pode ser usado para tomada de decisões no âmbito da gestão, mas não deve ser limitado como a única variável para se tomar medidas no sistema educacional. Os resultados de uma avaliação devem ser ponderados com outros índices, indicadores e devidamente contextualizados na realidade de cada unidade escolar. Não podemos cair no erro de permitir que os professores venham a se limitar a treinar os seus alunos a responder questões de uma prova por conta dos resultados de uma avaliação. O trabalho dos professores deve ser cercado de cuidados pela gestão. É tarefa dos gestores o acompanhamento e a colaboração

aos professores que tenham mais dificuldades, contribuindo para que estes tenham mais segurança e possam fazer com que as crianças aprendam os conteúdos básicos previsto em cada ano escolar, educando-as para a vida em sociedade e para o respeito à cidadania. A pedagogia tradicional nos ensinou com o modelo do vestibular tradicional que não é função da escola levar os alunos a aprenderem somente para responder uma prova. Já vimos que esta história na educação brasileira foi nefasta para a qualidade do sistema. Sabemos que os resultados de uma avaliação é uma foto instantânea da realidade, é apenas um *status quo* representando um momento do real. Os resultados não são propriamente o real. O real é muito mais dinâmico e complexo. Portanto, não existe medida para o real. Temos que cuidar das famílias, pois, pesquisas têm apontado que as escolas e os alunos que mais se destacam no sistema são oriundos de famílias em que os pais acompanham dia a dia as tarefas escolares, estimulam os filhos nas atividades da escola ou participam de alguma forma da organização escolar.

Não podemos responsabilizar professores e gestores escolares pelos resultados que temos hoje nas escolas. Mas temos que definir o que é uma boa escola e uma educação de qualidade. A reforma da educação pode contribuir para a melhoria da qualidade nas escolas e não deve ser limitada à nota dos alunos na avaliação. Nem sempre a melhor nota corresponde à melhor educação.

O Processo Metodológico da Pesquisa

A metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho de investigação parte da problemática sobre o ensino médio considerando as repercussões no Exame Nacional do Ensino Médio — ENEM. A problemática foi pontuada considerando a dimensão mais dinâmica do Novo ENEM, com a implantação do referido exame como processo seletivo adotado pela Universidade Federal do Ceará, no

ano de 2010. As questões que se tentou captar seguem relacionadas abaixo:

- O novo ENEM modificou o currículo da escola básica de ensino médio?
- Com a implantação do Novo ENEM como processo seletivo para ingresso na Educação Superior contribuiu para a modificação do currículo da escola de ensino médio?
- Que repercussões trouxe para a escola a adoção do Novo ENEM como instrumento de avaliação do desempenho dos alunos no final da escolaridade da educação básica?

A metodologia exige a definição de um caminho que possa com consistência apreender a realidade pesquisada e analisá-la. Assim, metodologia adotada trata-se de uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, oportunidade em que se optou pelos seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica crítica, análise de documentos oficiais, estudo de caso e uso da técnica da entrevista. Utilizou-se de entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa para captar as interpretações dos sujeitos pesquisados. A entrevista semiestrutura combinou um conjunto de questões fechadas e abertas. Não foi seguida uma hierarquia rígida na formulação das perguntas dirigidas aos entrevistados. Na sequência em que as respostas foram sendo pontuadas foram formuladas perguntas pertinentes ao assunto de interesse para o desvelamento do objeto em estudo. A fala dos entrevistados foi guiando a reformulação do roteiro definido buscando aprofundar cada ponto em discussão.

A pesquisa foi realizada numa escola privada, identificada como um colégio tradicional, localizado no centro da cidade Fortaleza – CE. Os entrevistados foram definidos pela posição estratégica na organização do currículo da escola investigada. A seleção dos entrevistados considerou apenas dois gestores, responsáveis pelo ensino médio do referido colégio.

Em cumprimento ao padrão ético requerido pela pesquisa científica, os sujeitos, bem como a escola objeto desta pesquisa, serão mantidos em sigilo. Fez-se uma breve caracterização da escola, impedindo aos leitores a sua identificação. A fala do sujeito pesquisado neste trabalho receberá uma identificação codificada como “Gestor A” e “Gestor B”, quando se referir a cada uma destes respectivamente, como forma de preservar a real identidade de cada um deles.

As Revelações da Pesquisa

Seguindo os percursos metodológicos anteriormente descritos, levando em consideração a problemática, objeto deste trabalho de investigação, sobre as repercussões do Novo ENEM, como fase única do processo seletivo da UFC, é importante situar, que segundo o Ministério da Educação – MEC, a pretensão do referido exame é avaliar a qualidade do ensino médio, por meio da aplicação do instrumento prova de caráter sigiloso e individual. Segundo o Documento Básico 2000 (1999), o Exame Nacional do Ensino Médio enquanto avaliação se constitui como um “exame” em que se busca compreender se o aluno atingiu o desenvolvimento das cinco competências básicas:

1. Domínio de Linguagens: domínio da língua culta e fazer uso das linguagens matemáticas, artística e científica;
2. Compreensão de Fenômenos: construção e aplicação de conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, processos histórico e geográfico, da produção tecnológica e das manifestações artísticas;
3. Enfrentamento de Situações-Problema: selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas para a tomada de decisões e a resolução de situação-problema;

4. Construção de Argumentação: análise de informações sob diferentes formas e conhecimentos disponíveis em situações reais, para a construção de argumentação consistente;
5. Elaboração de Proposta de Intervenção na Realidade: Uso do conhecimento escolar para intervir de forma solidária na realidade respeitando valores humanos e a densidade sociocultural.

A discussão que envolve o termo competências associado à educação, especificamente, no que diz respeito à situação de ensino tem como pano de fundo a interpretação de dois modelos de escola: a escola tradicional e a escola ativa. Estes modelos se definem pela concepção de escola, ensino e aprendizagem. Segundo Zabala e Arnau (2010), a escola ativa é fruto dos modelos de pedagógicos alternativos surgidos no século XX. A escola tradicional está vinculada a pedagogias tradicionais, superficialmente estereotipadas pelo ensino baseado na memorização dos conteúdos, ou pelas interpretações behavioristas da aprendizagem, pela visão linear do saber, pelo conhecimento de disciplinas e pela interpretação quantitativa da avaliação. O que se entende por escola ativa está amplamente divulgado como pedagogia ativa ou escola inovadora. Estas concepções — pedagogia tradicional e ativa —, escondem uma falsa dicotomia entre as ideais referentes às pedagogias tradicionais e o seu rompimento por meio dos modelos pedagógicos oriundos da escola ativa.

Sem querer defender as pedagogias tradicionais, mas apenas esclarecer o caráter polêmico lançado no falso debate, é importante esclarecer que, segundo Zabala e Arnau (2010),

[...] a reação crítica para o modelo tradicional transmissivo partia de dois princípios suficientemente fundamentados: em primeiro lugar, de que a compreensão prévia dos conhecimentos é um passo indispensável às atividades de memorização; e, em segundo lugar, de que esta compreensão somente é possível quando o aluno, mediante

um processo que sempre é pessoal, reconstrói ou elabora o objeto de estudo por meio de atividades as quais exigem dele uma grande atividade mental. (ZABALA e ARNAU, 2010, p. 47).

Nas metodologias alicerçadas na pedagogia tradicional, a função do ensino era dotar os alunos de ferramentas para responder a provas que deveriam ser tematizadas a partir do conteúdo estudado baseado nos problemas da vida real. Assim, prevalecia a noção da memorização dos conteúdos como forma de garantir aos alunos o sucesso na aplicação dos exames avaliativos. O conteúdo memorizado de alguma forma seria útil para responder aos desafios da vida real.

As pedagogias ativas também cometeram erros possibilitados pelo que se convencionou chamar por falso ativismo. Ou seja, as metodologias de ensino foram centradas excessivamente no saber fazer, como forma de afirmação do saber e nos modelos da ação pela ação. O falso ativismo encontra-se no pragmatismo exacerbado: a prática pela prática. As pedagogias ativas incorreram numa perspectiva superficial e simplificadora sobre o ensino e a aprendizagem.

A pedagogia das competências tem como determinação buscar a superação da dicotomia entre teoria e prática, apartadas em ambas visões seja pela pedagogia tradicional, seja pela pedagogia ativa. De um lado, a pedagogia baseada na memorização; de outro lado, a pedagogia da prática pela prática. As reflexões propostas pelos teóricos que investigam o desenvolvimento de competência propõem a compreensão integrada da reflexão e a capacidade de aplicação. É uma tentativa, portanto, de superar o antigo dilema entre a separação da teoria e da prática.

A proposta do ensino por competência tem no seu interior a vinculação com o desenvolvimento de habilidades. No plano da reforma da educação, o MEC definiu, no entorno das competências, 21 habilidades que podem ser agrupadas em cinco grandes temas:

- Resolução de situação-problema;
- Análise crítica de situação-problema;
- Interpretação completa;
- Contextualização da informação e
- Compreensão sistêmica.

No âmbito das pedagogias ativas, o desenvolvimento de competência busca superar a aprendizagem mecânica dos conteúdos de ensino. Aprendizagem mecânica pode ser compreendida pela forma superficial com que os alunos decoram os conteúdos de ensino pela simples repetição e que por vezes não compreendem e nem interpretam a estrutura do conhecimento trabalhado pelo professor. E, por isso, para aplicar o que aprendeu é necessário um valor em grau relevando o domínio do conteúdo aprendido. O novo ENEM requer o modelo de ensino-aprendizagem focado a partir da resolução de situações problemas ou simulações que permitam a interpretação, a intervenção e a aplicação sobre o contexto em que está situada a problemática.

Sob esta compreensão pelo resultado do exame, o aluno pode se autoavaliar e fazer as suas escolhas diante das suas competências e habilidades desenvolvidas na sua escolaridade básica. Na primeira edição do ENEM em 1998, aproximadamente 10% dos concluintes do ensino médio no país se inscreveram. A partir daí o Ministério da Educação passou a investir na adesão das instituições de educação superior – IES, públicas e privadas, e a incentivar a participação dos jovens concludentes do ensino médio a se inscreverem para se submeterem ao exame. Para o próximo exame marcado para os dias 6 e 7 de novembro de 2010, espera-se a inscrição de mais de seis milhões de inscritos que irão disputar nacionalmente as vagas ofertadas pelas IES.

Em relação à aplicação do Novo ENEM neste ano de 2010 existe uma perspectiva otimista, pois será a primeira vez em que se faz uso do ENEM no processo seletivo aqui no Ceará. As escolas estão preparando os alunos con-

siderando este novo desafio. Um novo tempo na escola se anuncia: a UFC e o IFTCE optaram pelo modelo do Novo ENEM no processo seletivo de ingresso de candidatos para a educação superior. O ENEM avalia competências e habilidades, enquanto que o vestibular tradicional está focado na avaliação de conteúdo, o que exige decorar fórmulas, memorizar bizzus e dicas sobre os conteúdos previstos para o ensino. O vestibular tradicional continua sendo aplicado em várias instituições. Não houve uma decisão coletiva das IES do estado para a mudança do processo seletivo em que se fizesse a única opção pelo ENEM comum a todas. É importante ressaltar que o MEC abriu algumas possibilidades de utilização do ENEM em substituição ao vestibular tradicional:

- Como primeira fase do processo seletivo da IES;
- Como fase única para as vagas remanescentes após o vestibular ou
- Combinado com o atual vestibular da IES.

Assim, cabe às instituições fazer a escolha que melhor lhes convier. A UFC fez a opção de usar o Novo ENEM como fase única. Isso provocou uma redefinição na organização das escolas para o ano letivo 2010:

“... Algumas coisas precisam ser acertadas ainda, eu acredito que a gente está caminhando de maneira positiva, este ano é um ano atípico, é um ano um pouco mais difícil para os nossos alunos que vão prestar um vestibular no final do ano, porque farão provas em formatos diferentes, mas estão sendo preparados também para encarar o ENEM... Mas no geral em se tratando de ENEM eu vejo de forma muito positiva.” (Gestor A)

O olhar crítico sobre a forma como a escola particular interpretou o Novo ENEM mostra a acomodação em que o sistema estava engessado, acomodado, paralisado por meio do vestibular tradicional. Isso levou, também, à acomodação da escola. As escolas particulares

não acreditavam nesta novidade: o ENEM como processo seletivo para o ingresso nas IES em substituição ao vestibular tradicional.

“...Eu vi uma preocupação muito presente da Secretaria de Educação, tanto municipal como estadual, em trabalhar esta novidade. O ENEM vem sendo trabalhado nas escolas públicas já de uns dez anos atrás. E a escola particular nunca acreditou que o ENEM fosse um exame que, de certa forma, fosse servir como única porta de entrada para a universidade. A escola particular não acreditava nesta situação. Devido à esta situação, estamos aqui sofrendo. Isso deveria ser uma preocupação, já deveria está sendo estudada, pensada desde quando o ENEM surgiu e foi colocado, abriu para todas as escolas do Brasil. A partir deste momento era para ter tido um olhar diferente da escola particular, mas não houve. Daí a necessidade... a escola particular tá pagando por um preço que ela deveria ter visto com um certo tempo (de antecedência), deveria ter alertado seu professor, mas como todas as escolas particulares de Fortaleza trabalhavam em função da UFC – Universidade Federal do Ceará, em função do seu currículo, dos programas que eram cobrados etc., então sempre se trabalhou de uma forma sem pensar que o ENEM fosse o único exame de acesso do aluno à Universidade.” (Gestor B)

Desse modo, a escola está sendo desafiada pelas mudanças instituídas com a adoção do Novo ENEM no processo seletivo das IES. Segundo a posição do nosso entrevistado denota que o Novo ENEM tem gerado desafios aos que fazem a escola:

“O ENEM está desafiando a todos: docentes e discentes. Todos estão se sentindo desafiados. A escola tem proporcionado aos professores e técnicos seminários, cursos, e aos alunos também. A gente está entrando agora com cursos de férias voltados para o ENEM, aos sábados temos aulas só com resolução de questões do ENEM, a gente está fazendo simulados, olimpíadas de atualidades, projetos de leituras, música, teatro e música e história, cinema. Nós temos um professor de atu-

alidades e um de interpretação de texto que, pelo menos, uma vez por mês está trabalhando com eles (os alunos) a questão de um filme e depois faz o debate sobre o filme. A gente tem uma vez por mês trabalhado junto com o Professor de atualidades e de literatura na parte de cinema.” (Gestor A)

A escola está fazendo um esforço no sentido de se adaptar às mudanças provocadas com a implantação do Novo ENEM. Isso exige uma interpretação sobre sua estrutura e dos seus significados para a organização do currículo. Houve a implementação de novas atividades, alteração na carga horária, extinção de horas dedicadas às disciplinas específicas, outras práticas foram ancoradas entre professores e alunos. Tal fato provocou uma mudança na escola que nos leva a afirmar que houve repercussões nas definições pedagógicas na realidade de cada escola de ensino médio. Cada escola responde a este desafio de forma diferente sobre o ensino.

“Todos (as escolas) estão se mobilizando. Quanto à organização do ensino, eu acho que nós estamos saindo daquela situação cômoda, como eu vou dizer... estávamos na zona do conhecido, estamos saindo da zona do conhecido. Quando a gente está trabalhando com algo que a gente já conhece, que a gente tem dados tem uma estatística que norteia o nosso trabalho, a gente está de certa forma numa zona mais confortável. E agora a gente está partindo para o novo. E o novo ele desafia, ele te causa ansiedade. Mas eu acho que estão todos mobilizados independente da escola, do tamanho da escola, de se tratar de uma escola grande ou pequena, de ser escola privada ou pública. Algumas estão caminhando de maneira mais lenta, outros não, mas eu acho que estão todos mobilizados por mudanças.” (Gestor A).

Outrossim, o ENEM funciona como um indutor de mudanças curriculares. O ENEM muda mesmo que indiretamente o currículo da escola. As exigências do ENEM forjam a necessidade de a escola reelaborar a sua estrutura didático-metodológica. Pela fala do sujeito pesquisado, podemos perceber claramente os indícios que são apon-

tados para a redefinição dos currículos na escola básica, inclusive a aproximação do aluno ao professor:

“Em função das exigências do ENEM eu acredito que as escolas estão reorganizando os seus currículos, reestruturando-os. O que muda é que tá dando mais sentido para o próprio aluno. A questão do ENEM é essa: dar sentido ao que o aluno vai aprender, ao que o aluno tá estudando, ao que aquele aluno está buscando. E eu acho que aproxima mais a forma em que isso acontece, também aproxima mais o professor do aluno. Eu acho que o conhecimento passa a ter um sentido maior.” (Gestor A)

Mas o que significa dar sentido ao conhecimento a partir do ENEM? Isso não havia quando do modelo do vestibular tradicional. Esta preocupação em ressignificar os conteúdos e próprio trabalho pedagógico não era objeto de atenção dos professores, visto que as aulas já estavam formatadas no modelo mecânico e o trabalho docente se limitava a reprodução do conteúdo cabendo o aluno a sua memorização.

“Embora o professor aborde o mesmo assunto, a abordagem é diferente. Eu acho que aluno se identifica mais com as questões propostas pelo ENEM, a forma como o professor aborda, as ferramentas que ele tem, que eles podem usar, eu acho que tudo isso aproxima mais o aluno do conhecimento.” (Gestor A)

“O plano de curso que já estava feito 2009 para 2010, o professor teve que voltar para este plano e de certa forma reformular. Digamos: o que estava projetado para uma primeira etapa, tinham conteúdos que em uma aula poderiam ser fechado no estilo tradicional (vestibular). Mas, não no estilo de uma aula que exigia mais discussão entre professor e aluno, numa aula mais reflexiva. A aula passou a levar mais tempo porque era uma aula mais reflexiva. O professor teve a preocupação trazer mais subsídios para o aluno. Então a sala de aula ficou uma mesa-redonda, uma mesa de discussões sobre diversos assuntos daquela disciplina. Então preocupou porque, porque o conteúdo que era

visto em três horas aula teve que se estender mais. Porque o conteúdo era projetado no ensino médio para dois anos: primeiro e segundo. O terceiro era revisão. Eu tive que repensar o plano de curso. Eu não posso pensar o ensino médio em dois anos e sim em três. Discorreremos sobre o plano de curso, nestes três anos, para que o professor tenha mais tempo de discutir os capítulos e os conteúdos de forma bem tranquila com os alunos.” (Gestor B).

O trabalho dos professores também está passando por mudanças. A necessidade de elaboração do ensino requer do professor, por influência do Novo ENEM, o replanejamento didático das suas aulas. Não foi somente o conteúdo do processo seletivo que mudou, mas a organização pedagógica da aula e o foco na aprendizagem do aluno.

Mas, também, as mudanças deixaram os professores surpresos. Isso provocou a alteração na identidade do professor:

“Em relação a estas mudanças todas, que hoje estamos passando, está num momento de conflito. Eu vejo o professor muito angustiado, que vinha numa linha tradicional há muitos anos, essa que está impregnada na alma dele. Então, toda e qualquer mudança gera conflito. Isso é normal. Cada um deles está buscando a melhor maneira possível de se integrar nestas mudanças. Eu falo em relação ao Exame Nacional do Ensino Médio – o Novo ENEM. E neste momento em que estamos vivendo, exige um professor com um pensamento muito... cada um está fazendo o que pode. O professor está fazendo cursos... e a partir destes cursos começa a ver do outro lado. Ver outra perspectiva em relação aos propósitos da educação.” (Gestor B).

O professor, portanto, está tentando aproximar a realidade da vida dos alunos com a da escola, o que não era alvo de preocupação anteriormente, quando do modelo do vestibular tradicional.

“É diferente! É diferente, os professores estão se sentiNdo desafiados. Lógico que tem alguns

que têm alguma resistência, mas a gente percebe, agora, professores pesquisando muito mais, professores se adequando, trazendo exemplos do dia a dia. O professor me entregando uma prova, e ele elaborou uma prova. Um professor de matemática elaborou uma prova numa situação em que ele estava abastecendo, aí ele usou a questão do valor do combustível, de como era que se extraía aquele combustível, então eu acho que isso está falando da realidade do professor, da realidade do aluno. E aproxima porque está falando de algo, pelo menos, na grande maioria das vezes, não é a parte conceitual tem que vir sempre, mas como se aborda, como se trabalha essa parte conceitual é que se está fazendo a diferença.” (Gestor A).

Os professores demonstram mais interesse na aprendizagem dos alunos. O ENEM como modelo de avaliação, pois, “[...] de certa forma os alunos têm uma cobrança bem maior em relação a estas mudanças. O professor tem que mostrar o seu trabalho assim, bem diferente, mesmo” (Gestor B). Mas como são as repercussões do novo ENEM na prática da docência, na reorganização do currículo:

“A gente está reestruturando. A gente teve um aumento na nossa carga horária. Mas porque quando foi decidido que a Universidade Federal do Ceará iria adotar o ENEM, nós já havíamos iniciado o ano letivo de 2010. Então a gente acabou agregando ao nosso currículo, a nossa carga horária, algumas disciplinas que precisavam ser melhor exploradas. Mas eu acredito que, para o ano de 2011, a gente tá reestruturando o nosso currículo.” (Gestor A).

Com a adoção do ENEM no processo seletivo da UFC, tal decisão veio provocar uma mudança no currículo. E quais são efetivamente estas mudanças? Quais são as novas práticas curriculares? A resposta vem da compreensão do real. As realidades de como as escolas e os professores passaram a trabalhar. Vejamos a fala a seguir, que revela esta dimensão. Quais são as mudanças no currículo da escola? As mudanças ocorreram, mas o professor trabalha numa perspectiva encarando o ENEM como um novo vestibular.

“As mudanças estão acontecendo dentro de sala. Para iniciar houve uma quebra de paradigmas, hoje a gente trabalha... a escola tinha como foco o ensino, e agora não. É o ensino por competências e habilidades. Isto de certa forma muda, não é em compensação os currículos que eram conhecidos, sistematizados ou eram organizados por disciplinas, agora são por áreas de ensino. O professor era um transmissor e o aluno um receptor. O professor agora é um facilitador e o aluno é o sujeito. Foi dentro destas modificações que o professor acabou observando como é que estava o seu trabalho. Um trabalho muito focado nele mesmo. Agora ele foca o seu trabalho no aluno e na vida lá fora!” (Gestor B).

“Trabalhar por área, disciplina nova, agente já incorporou este ano, que foi a questão da arte no terceiro ano, atualidades, a gente aumentou uma aula na interpretação de texto, aumentou uma aula na matemática, porque na área de matemática e suas tecnologias são quarenta e cinco questões só matemática (na prova), e a gente tá trabalhando, já vinha trabalhando antes, mas vai se intensificar na parte do teatro e da leitura.” (Gestor A).

Mas as mudanças trazidas pelos ventos do Novo ENEM também produziram resistências entre os professores. Quais foram as resistências ou como os professores resistiram à implementação de ações visando adaptar a escola ao novo ENEM? Como as mudanças podem ser caracterizadas no dia a dia da escola? Não é fácil compreender por que alguns professores mudam e outros não.

“As resistências que alguns dos nossos professores têm não é em relação ao ENEM como sistema de avaliação, mas na questão da própria segurança da prova, de como vai acontecer todo esse processo, a aí vem toda essa questão não somente da prova, como na questão das inscrições do SISu. Porque foram apresentados alguns problemas: muito na dimensão de que pudesse comprometer o processo mas que apresentaram alguns problemas no decorrer da edição de 2009 e que alguns professores ficam um pouco preocupados. Mas a resistência

maior é saber se realmente vai conseguir sanar esses problemas que aconteceram na edição de 2009.” (Gestor A).

Ainda sobre as resistências dos professores, vale destacar que as mudanças estão fluindo, apesar de os professores terem resistido ao modelo avaliativo do Novo ENEM.

“Houve uma grande resistência de princípio, ninguém acreditava que esta mudança acontecesse, mas aconteceu. Então levou um pouco de tempo, mas eu acho o seguinte: nesse pouco tempo eu vi a grande preocupação deles (professores) de correr atrás. Buscou se adequar às mudanças. A mudança está acontecendo. A gente verifica pela postura do professor e do aluno em sala de aula. Eu vejo os alunos mais ligados nas aulas.” (Gestor B).

É revelado, portanto, a necessidade da mudança, de acordo com o depoimento abaixo, não há opção de escolha para o professor, principalmente, na escola privada. O ENEM também está se tornando um produto de mercado. A escola privada tem interesse em se apropriar dos resultados que beneficiem o aumento das suas matrículas. O êxito dos alunos no ENEM tem para a escola privada um valor, conforme Bourdieu, como economia política simbólica na representação que se poderá construir a partir dos resultados dos alunos no referido exame. Basta verificar os anúncios das escolas privadas nos principais jornais e placas de outdoor espalhados pela cidade, anunciando fórmulas mágicas, materiais didáticos, sistemas de ensino dirigidos conforme as exigências requeridas pelo novo ENEM. Com a definição do ENEM como processo seletivo para ingresso na UFC, os professores do ensino médio estão sendo obrigados a se adaptar: a realidade exige mudar ou mudar,

“A gente não tem a opção de não mudar. Porque é necessário fazer. A gente não tem essa escolha: não, eu não vou mudar. É necessário fazer! E até porque a mudança ela é muito interessante. A gente não tá retrocedendo, de jeito nenhum. É uma

mudança que é muito positiva, que era necessária, que talvez humanize mais a questão do nosso adolescente que aos 17 anos tem que escolher aí num vestibular muito concorrido, desumano e que as vagas acabavam sobrando no final, ou desistiam por conta de não saber em qual curso está escolhendo naquele momento. Os professores em geral não existe a opção de dizer: não, eu vou permanecer assim. Não tem. Tem que mudar. É necessário, já era hora de realmente mudar.” (Gestor A).

É interessante notar que, considerando os aspectos positivos das mudanças trazidas pela implantação do novo ENEM, as repercussões referidas são em relação aos alunos. Vejamos o depoimento a seguir:

“Para os alunos eu diria que não estão inseguros, mas estão ansiosos. Não estão inseguros, porque a escola tem orientado, tem passado todas as informações, tem passado tranquilidade para os alunos. Agora, não deixam de estar ansiosos por se tratar de um momento novo para eles. São os primeiros agora que estão entrando nesta experiência, que é uma experiência nova para eles. Tudo bem, que os que farão ano que vem, farão pela primeira vez, será uma experiência nova, mas será uma experiência que já terá uma estatística, que já tem uma referência, que já tem dados que possam dar um suporte maior a estas novas mudanças.” (Gestor A).

Pelas colocações acima poderíamos afirmar que o ENEM trata-se de um vestibular mais humanizado. O MEC passa a definir as mudanças pelos conhecimentos alicerçados no padrão mapeado pelo ENEM. Sem fazer imposições, o ENEM vai modificar os currículos das escolas. O currículo que se propõe ao desenvolvimento de competências e habilidades deve ter maior articulação em busca de uma interdisciplinaridade.

“Antes nós tínhamos as disciplinas, a fragmentação. A compartimentalização das áreas. Hoje eu não vejo o professor só preocupado com a área dele. A disciplina dele. Dentro deste contexto ele está preocupado com os conteúdos afins, não só em relação ao conteúdo dele enquanto professor, mas

dos outros se encaixam, se os conteúdos se encaixam entre si. Então essa é a grande característica fundamental, foi ter o professor observado que o conteúdo da área dele tem a ver com o conteúdo das diversas áreas. Eles foram interligando... ele está se articulando mais com as outras áreas. Eu vejo a preocupação de discussões na sala dos professores: rapaz eu tô com o conteúdo tal, o que tá trabalhando na física, na química, na biologia, na matemática. Eu vejo uma preocupação não só com o conteúdo dele, particularmente, mas com as outras áreas... A grande característica foi o professor ter observado que a disciplina dele não funciona em parte ou à parte. Ela tem que estar interligada entre as outras.” (Gestor B).

“Os professores estão trabalhando de maneira mais consciente. Estão buscando um trabalho mais interdisciplinar. A gente percebe isso na fala, no discurso e na prática. A gente percebe isso no dia a dia, na troca de informações, na própria aula, no material didático que eles entregam e que eles usam na forma de avaliar. Então, a gente percebe isso no trabalho deles em todo o processo, desde a sala de aula mesmo, até a hora da avaliação.” (Gestor A).

O material didático utilizado pelos professores foi modificado, apesar de as editoras ainda não terem feito alterações, considerando o novo ENEM. Por isso, para o trabalho em sala de aula foi necessária a produção de material para subsidiar o processo de ensino e aprendizagem.

“O material foi modificado na prática, realmente, a questão da interdisciplinaridade. A questão de estar trabalhando os conteúdos, a parte conceitual está sendo abordada de maneira diferente... muito dos professores ao resolverem os exercícios em sala de aula, eles estão dizendo para o aluno a questão da habilidade, qual é a habilidade que está sendo explorada, que antes os alunos não eram trabalhados desta forma, e muitos dos professores têm informado dessa maneira [...]” (Gestor A)

Sobre os alunos e o processo de aprendizagem é importante registrar que o modelo do ensino pautado na

busca pelo desenvolvimento de competências tem possibilitado a abertura da curiosidade e da descoberta.

“Levando os alunos a perceber o mundo de maneira qualitativa o que está acontecendo, o que estas mudanças no mundo e de que maneira podem ter influenciado diretamente na vida deles. Eu tenho percebido que os alunos têm buscado ler muito mais, e uma leitura de qualidade. Eu tenho percebido que eles têm procurado muito, têm perguntado sobre a própria história do teatro... do cinema. Eles sempre olham: tá passando um filme interessante que fala sobre a ditadura, vamos marcar para a gente ir, levar os professores para debater sobre isso. Então, ele tem realmente, de maneira muito positiva, buscado esse conhecimento de formas diversas.” (Gestor A).

Neste se buscou a interpretação dos principais gestores escolares do ensino médio de uma escola privada na cidade de Fortaleza sobre as repercussões provocadas na escola por conta da implantação do Novo ENEM, como fase única do processo seletivo para ingresso na educação superior. A hipótese sob a qual baseamos esta pesquisa foi confirmada: mudança na organização da escola tem ocorrido com a implantação do Novo ENEM em substituição ao vestibular tradicional. As novas orientações curriculares fundamentadas no desenvolvimento de competências e habilidade têm desafiado os professores na construção da sua autonomia no trabalho docente, tendo em vista a responsabilidade de uma formação crítica considerando os limites da aplicação dos princípios da flexibilidade, interdisciplinaridade e contextualização no cotidiano da escola.

Conclusão

Acreditamos que a riqueza da realidade com as repercussões do Novo ENEM apresentadas por esta pesquisa ainda são insuficientes para afirmar que a reforma da educação agregou qualidade à escola. Percebe-se que a

escola está mudando e o currículo tem sido alvo de significativas alterações, tais como: mudanças dos programas de disciplina, redefinição de carga horária, alterações de conteúdos, o que vem sugerir uma necessária análise mais criteriosa da realidade. Mas as mudanças somente ganham consistência se houver investimento na formação docente e na sua valorização. Entretanto, vale ressaltar que os docentes estão aproveitando a oportunidade que a escola está ofertando na formação para se atualizar e, com isso, na prática mudar as suas aulas. Considerando o esforço de a escola acompanhar as exigências do Novo ENEM e de os professores elaborarem aulas mais dinâmicas, os gestores afirmaram que os alunos são o foco do trabalho que se realiza para o êxito no processo seletivo. Os alunos estão mais motivados com as aulas, mesmo quando demonstram ansiedade diante do ENEM.

A escola privada requer o compromisso dos professores para, com dedicação, fazerem o possível para o sucesso dos alunos no processo seletivo para a educação superior. Portanto, a lógica mercantil – o aluno (ou a sua família) paga pelo serviço e exige resultados do trabalho pedagógico dos professores. Estudar é uma forma de buscar atender às novas exigências do mundo do trabalho.

Nem tudo, porém, que é pressuposto da reforma está se realizando. Mas a escola por meio dos seus sujeitos – gestores, professores e alunos –, estão abertos a aprender uma nova forma de “fazer escola”. Neste sentido, o contexto desta pesquisa foi revelador de uma atmosfera em que há uma preocupação muito que gera um sentimento de expectativa diante do desenrolar dos fatos. A mudança está aí, mas há um compasso de espera diante da realidade que se transforma dinamicamente.

Pela natureza pedagógica, espera-se que o Novo ENEM seja problematizado em virtude da necessidade do seu aperfeiçoamento, para que possa contribuir para a melhoria do ensino, através da reformulação do currículo e das metodologias que articulam os processos didáticos. Espera-se que o Novo ENEM possa qualificar o acesso a

educação superior, constituindo com ousadia a entrada dos concluintes do ensino médio nas IES, tornando a universidade mais democrática.

Referências

ARIEH, Lewy (Org.). **Avaliação de Currículo**. São Paulo: EPU e Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BRASIL. **LDB – Lei de diretrizes e bases da educação nacional** – Nº 9394/96. Brasília, 24 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação, **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**, Brasília: INEP, 1999.

_____. Ministério da Educação, **Exame Nacional do Ensino Médio**, Brasília: INEP, 1998.

_____. Ministério da Educação, **Exame Nacional do Ensino Médio – Documento Básico – 2000**, Brasília: INEP, 1999.

BROOKE, Nigel e SOARES, José Francisco (Orgs). **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. Qual a identidade da sua escola? A contextualização curricular deve ocorrer a partir das diversidades regionais. **Revista Aprendizagem**, Curitiba – Paraná, Editora Melo, a. 2, n. 5, mar.abr, 2008. ISSN: 1981-5913.

CORAZZA, Sandra e SILVA, Tomaz Tadeu. **Composições**, Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

COSTA. Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DAMASCENO, Maria Nobre e SALES, C. de M. (Coord.). **O caminho se faz ao caminhar**. Fortaleza: Edições UFC, 2005.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Editora Atlas, 2000.

_____. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

DOLZ, Joaquim e OLLAGNIER, Edmée *et al.* **O enigma da competência em educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

ZABALA, Antoni e ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: ARTMED, 2010.